

## **PRÁTICAS DO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE LEITURA EM LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS<sup>1</sup>**

*PRACTICE FOR THE DEVELOPMENT OF READING PROCESS IN PORTUGUESE LANGUAGE THROUGH TEXTUAL GENRES*

**Juliana Melo da Costa<sup>2</sup>, Luana Iensen Gonçalves<sup>2</sup> e Eliane de Fátima Manenti Rangel<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

Sabe-se que a leitura é uma prática importante na vida de qualquer pessoa. Neste trabalho, objetivam-se apresentar e discutir atividades de leitura com base em diferentes gêneros textuais que possibilitem aos docentes e discentes em formação diferentes maneiras de explorar e aprimorar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem em leitura com base nos gêneros textuais: crônica, entrevista e charge nas atividades em sala de aula. Os resultados evidenciaram a necessidade de um trabalho com leitura em gêneros textuais originais e interessantes.

**Palavras-chave:** processo de ensino-aprendizagem, estratégias de leitura.

### ***ABSTRACT***

*It is known that reading is an important practice in anyone's life. In this paper, we report and discuss reading activities based on different textual genres that enable students and faculty training in different ways to explore and enhance the development of teaching and learning in reading based on textual gender: chronic, interview and charge in activities in the classroom. The results highlight the need to work with a reading text genres unique and interesting.*

**Keywords:** *teaching-learning process, reading strategies.*

---

<sup>1</sup> Trabalho de Iniciação Científica - UNIFRA.

<sup>2</sup> Acadêmicas do Curso de Letras - UNIFRA. E-mail: julianamelo.letras@hotmail.com; luana\_iensen@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientadora - UNIFRA. E-mail: efmrangel@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

No Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Instituição de Ensino Superior, proporcionam-se, anualmente, *Oficinas Pedagógicas* aos acadêmicos dos cursos de licenciaturas e professores das escolas públicas. Trata-se de momentos de interação e discussão em prol do progresso e evolução do ensino. Dessa forma, ao nos inserirmos no grupo, num primeiro momento, pensamos em trabalhar as questões de leitura diretamente com o aluno; porém, mais tarde, refletindo melhor, foi pensado em amenizar o “problema” de falta de imaginação ou escassez de tempo de o professor que, muitas vezes, não tem meios ou habilidades para instigar os alunos e assim propor atividades de interpretação de textos.

Nesse contexto, dentro da área em que se atua, buscamos repensar o desenvolvimento do processo de leitura dentro da sala de aula, com o objetivo de discutir ideias que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem de leitura, oferecendo tais atividades, além de mostrar que a leitura é muito importante para o desenvolvimento intelectual, pois nos permite adquirir conhecimento sobre assuntos diversos. Também se trata de uma prática que deve ser abordada com certas estratégias, num processo que é longo e contínuo, para que haja aceitação e motivação por parte dos alunos e, principalmente, efeitos positivos no processo de iniciação à leitura e, portanto, na formação de leitores permanentes e críticos.

Dessa forma, objetivamos, com este trabalho, divulgar atividades desenvolvidas durante as oficinas pedagógicas do ano de 2010, no sentido de contribuir para um ensino mais eficiente, capaz de direcionar o aluno à reflexão de assuntos diversos e complexos, pois ao desenvolver o processo de leitura nos alunos está desenvolvendo-se capacidades múltiplas. Salientamos que este trabalho é um recorte do que está sendo discutido e produzido como consequência das referidas oficinas pedagógicas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura tem estado presente em nosso dia a dia de forma muito intensa, pois está associada às nossas inúmeras atividades, sejam elas em casa, no trabalho ou na escola. Portanto, o incentivo à prática de leitura por parte dos docentes, em relação aos alunos, deve ser tratado com muita dedicação e atenção, para que, de maneira criativa e de acordo com a realidade dos alunos, consigamos, por meio da leitura diária, um posicionamento reflexivo e crítico.

Nesse sentido, ao discutir o ensino de leitura em língua portuguesa,

é preciso esclarecer, primeiramente, o conceito desse processo. Contudo, tal processo pode ser definido de várias maneiras. Isso depende do enfoque dado, que pode ser linguístico, psicológico, social, etc. Nesse sentido, podemos destacar, segundo Kleiman (2002), uma concepção de leitura interativa, compreendida como um diálogo entre o autor e o leitor, mediado pelo texto. Assim, o leitor assume um papel ativo na construção do sentido, uma vez que o autor sinaliza o caminho que deve ser seguido pelo leitor por meio de pistas deixadas.

Ainda, de acordo com Martins (1986, p. 17), a leitura se realiza de fato, “quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar a resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa”. Ou seja, quando se é capaz de dialogar com leituras textuais e visuais, acionando conhecimentos de mundo e conhecimentos textuais.

Ao considerar o aprendizado na escola, Kleiman (2002, p. 09) afirma que o professor precisa criar atividades cada vez mais complexas, mas com resoluções. Assim, aos poucos, o professor começa a retirar os suportes para que a criança consiga “redefinir as tarefas para si própria, constituindo-se aí a aprendizagem de estratégias de leitura”, pois é nesse processo de realizar as tarefas que o aluno “formar-se-á como leitor, ou seja, estará construindo seu próprio conhecimento ao respeito do texto e leitura”.

Com base nesse contexto, o trabalho realizado nas escolas deve ser pensado de modo que a leitura passe a ser um hábito, uma prática prazerosa e não mais uma obrigação, tanto para alunos, quanto para professores. A respeito disso, Lajolo (1999) afirma que o professor deve motivar o seu aluno a ler, mostrando-lhe o quão importante é o texto e o imenso conhecimento que este traz; só assim, dando significado ao conteúdo do texto, é que o professor, agente desse processo, obterá resultados e conquistará jovens leitores. Pois, “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (LAJOLO, 1999, p.15).

Entendemos, dessa forma, que escola e professores devem trabalhar juntos e desenvolver ao longo do ano letivo um plano pedagógico com metas a serem cumpridas, principalmente ao que diz respeito à leitura. Assim, para que a leitura seja significativa e tenha um sentido, é preciso que os professores estabeleçam objetivos claros para as tarefas a serem desenvolvidas e utilize estratégias de leitura para criar um ambiente interativo entre a tríade professor-texto-aluno.

O uso de estratégias no ensino de leitura, segundo Solé (1998), permite que o leitor sinta que é capaz de ler, de compreender o texto, tanto de forma autônoma, como apoiado em leitores mais experientes, sendo capaz de se envolver

em atividades de leitura, desde que sejam bem planejadas e incentivadas.

Solé (1998) defende a necessidade de abordar o texto por meio de estratégias de leitura e compreensão, para que se atinja o verdadeiro objetivo da leitura, o prazer e o conhecimento. Ainda, para a autora, as estratégias devem ir além do prazer de ler, devem também proporcionar a fixação da aprendizagem por meio da mobilização dos alunos para a leitura de diversos gêneros textuais que trazem conhecimentos indispensáveis para o crescimento cognitivo do leitor. Quando o professor apresenta uma estratégia/dinâmica, ele está instigando o aluno a fazer uma leitura significativa, reflexiva e consciente; de modo que haja progresso e desenvolvimento intelectual.

Nas teorias e obras que fundamentam este trabalho, notamos a importância de repensar o ensino de leitura, principalmente no Ensino Fundamental. Por isso, discutir novas ideias e estratégias para melhor compreender e, se necessário, modificar as práticas de ensino de leitura, é uma das metas que sustentou as fases de realização e manutenção do grupo do curso de Letras, participantes das Oficinas Pedagógicas.

## LEITURA DO TEXTO: TIPO E GÊNERO TEXTUAL

Ao utilizar a linguagem para comunicação, os falantes empregam novos gêneros textuais orais ou escritos ou gêneros que já existiam anteriormente. A maioria das pessoas não tem consciência que utilizam determinadas espécies de textos com particularidades e objetivos próprios. Os gêneros, segundo Marcuschi (2008), contribuem para estabilizar e ordenar as atividades comunicativas do dia a dia. Dessa forma, eles tornam-se imprescindíveis para o ensino da língua portuguesa e da literatura, orientações sugeridas pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) da língua portuguesa ao mencionarem que o trabalho com texto deve ser feito com base nos gêneros textuais, sejam eles escritos ou orais.

Contudo, alguns livros ou manuais didáticos utilizados pelo professor trazem definições confusas e até mesmo contraditórias para as noções de tipo textual e gênero textual, o que deve estar bem claro para o professor no momento de organizar e expor tal conteúdo em suas aulas. Para Marcuschi (2008, p. 154 - 155)

(a) usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

(b) usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriamente funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, email, [...]* e assim por diante (grifos do autor).

Se os docentes tiverem essas noções claras, as atividades propostas serão mais coerentes e esclarecedoras, além de apresentarem maior objetividade aos alunos, uma vez que, ao saberem o porquê de realizar tal atividade, seus rendimentos serão mais proveitosos.

Dessa forma, ao considerar que um dos objetivos das aulas de língua portuguesa consiste em desenvolver a competência no processo de comunicação, acreditamos que o trabalho com os gêneros textuais proporcionará um maior desenvolvimento nas habilidades orais e escritas dos alunos. Isso ocorre, de acordo com Marcuschi (2008, p.154), devido ao fato que

é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.

Assim, pretendemos, ao longo deste trabalho, descrever atividades de leitura e produção textual, abordando alguns dos gêneros textuais orais e escritos, como sugestão de trabalho para os professores. Assim, selecionamos os seguintes gêneros textuais: charge, crônica e entrevista.

## **GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA: ORIENTAÇÕES TEÓRICAS**

Nesta seção, objetivamos apresentar algumas discussões teóricas referentes aos gêneros textuais supracitados. A intenção é que os professores tenham uma orientação teórica sobre cada gênero, bem como suas principais

características, embora os gêneros não se constituem ou se apresentem como receitas prontas, podendo variar de acordo com o objetivo do autor.

## A CRÔNICA

Segundo Sá (1985), *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha, além de inaugurar a literatura brasileira, estabeleceu o princípio básico de uma crônica: o fato de registrar/informar o circunstancial. Ao longo da história, o gênero perdeu a extensão que teve na carta de Caminha, mas mantém o registro circunstancial realizado agora por um narrador-repórter que relata um fato para um grupo de leitores, não mais apenas ao rei. De acordo com Sá (1985, p. 08), a crônica compreende uma soma de jornalismo e literatura, daí temos a imagem de narrador-repórter. O autor pergunta qual é o público leitor da crônica e responde que

dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada [...], o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores [...]. Ocorre ainda o limite do espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural.

Foi a partir das escritas de Paulo Barreto, mais conhecido como João do Barro, que a crônica começou a receber características literárias, e anos depois seria “enriquecida por Rubem Braga: em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos [...] tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real” (SÁ, 1985, p. 09).

Dessa forma, a crônica é uma narração, segundo a ordem temporal. O termo é atribuído, por exemplo, aos noticiários dos jornais, comentários literários ou científicos, que preenchem periodicamente as páginas de um jornal. Assim como o repórter, o cronista se inspira nos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não contém. Com base nisso, podemos dizer que a crônica se situa entre o Jornalismo e a Literatura, e o cronista pode

ser considerado o poeta dos acontecimentos do dia a dia. Em outros casos, na literatura “pura”, o escritor pode se valer de um determinado tema e escrever um livro de crônicas sobre este, ou coletar crônicas que escreveu durante um longo período de tempo e reuni-las em um volume único.

## A ENTREVISTA

A entrevista como um gênero textual pode ser explorada em sala de aula, tanto para a prática da linguagem oral como da escrita. Segundo Medina (2008, p. 08), a entrevista, “nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode servir também à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. Desse modo, além de os alunos treinarem sua imaginação para criarem perguntas, treinarem a escrita e seus conhecimentos sobre a linguagem oral (variações linguísticas, a fala) e a linguagem escrita (a variedade padrão), terão também um espaço em sala de aula para socializarem suas descobertas e suas dúvidas.

Mantendo nossa posição de gênero textual como um evento comunicativo interativo, é possível considerar a entrevista “como uma constelação de eventos que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos. Assim, temos a entrevista jornalística, a entrevista médica, entrevista científica, a entrevista de emprego, etc.” (HOFFNAGEL, 2007, p.180). Nesse sentido, podemos afirmar que mesmo possuindo uma estrutura geral, a entrevista também manifesta diferentes objetivos conforme cada tipo de entrevista.

Dessa forma, o modelo canônico de uma entrevista, segundo Dolz e Schneuwly (2004), consiste no encontro de um entrevistador, responsável pelas perguntas, e um entrevistado (normalmente um especialista em assunto “X”), o responsável pelas respostas. São realizadas então, perguntas a esse entrevistado a fim de comunicar informações para o público em geral. Na escola, há um considerável número de ‘autoridades’ e funcionários que podem se tornar entrevistados dos alunos. Estes, por sua vez, podem questionar curiosidades, história da escola, o papel da profissão X, etc. Os autores reiteram ainda, a pluralidade desse gênero, que envolve atividades orais e escritas e podem ser apreendidas em diferentes meios de comunicação: jornal, televisão, rádio, meios eletrônicos.

Hoffnagel (2007, p. 192) afirma que não se pode apenas apresentar exemplos

---

<sup>1</sup> BORDINI, Maria da Glória. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006.

de diferentes gêneros aos alunos, mas “é preciso mostrar as atividades sociodiscursivas desempenhadas pelos diferentes gêneros e os recursos linguísticos que as sustentem”.

## A CHARGE

A charge compreende um gênero textual com poucas palavras, mas rico em intertextualidade, pois retoma outros textos já veiculados, contendo assuntos, geralmente, polêmicos e da atualidade, permitindo, assim, ao leitor fazer inferências entre o dito e o não dito no texto. Porém, esse não dito faz parte do conhecimento partilhado entre autor e leitor que, por estar armazenando na memória, ajuda na constituição do sentido. Dessa forma, para Silveira e Feltes (1999, p. 90), a charge tem como características

o uso reduzido do código verbal associado à imagem visual, a apresentação de um fato cotidiano com pinceladas de humor ou ironia e forte dependência de informações, inseridas num contexto marcado preferencialmente pela atualidade.

O gênero charge articula, portanto, duas linguagens: a verbal e a não verbal, elementos que demonstram que o sentido é construído na combinação entre o que está explícito, mas também explora aquilo que está implícito. Por isso, propõe-se abordar esses aspectos com os alunos, como opção para o ensino da linguagem, não só na leitura linear, mas também na leitura subjacente ao texto. Como justificativa, segundo Pereira (2006, p. 102), apresentam-se três aspectos:

1) o conteúdo das charges é pouco explorado na sala de aula, apesar de ser muito interessante para análise;

2) a charge pode incentivar a capacidade argumentativa dos alunos em virtude da sua forte intertextualidade que remete para temas polêmicos como a política, a religião, os conflitos sociais, etc.;

3) as charges são de fácil acesso em jornais e revistas. Além de provocarem o humor e, conseqüentemente, o prazer no leitor, elas apresentam, muitas vezes, ironia que possibilita a crítica e a reflexão do leitor sobre um determinado aspecto da realidade.

Desse modo, o leitor constrói o sentido da charge, fazendo inferências a partir da relação entre a imagem e a retomada do fato a que ela alude. Para isso, o conhecimento de mundo é indispensável, isto é, o leitor deverá conhecer o fato que originou a charge e suas circunstâncias históricas, sociais, políticas e ideológicas.

Explorada em sala de aula, a charge melhora a competência argumentativa dos alunos a partir de críticas sociais trazidas à tona. Além disso, a charge, pelo fato de provocar o humor por meio da experiência ou do conhecimento de mundo do leitor, promove uma atividade prazerosa e, conseqüentemente, um maior interesse por parte dos alunos. Somando-se a esse fato, eles desenvolverão uma visão crítica a respeito do assunto que está sendo abordado na charge.

Portanto, explorar a charge, assim como qualquer outro gênero textual em sala de aula, é um convite ao maior interesse por parte dos alunos e, desse modo, garantir o sucesso tanto em aprendizagem quanto em socialização de conhecimentos. Sabemos que a análise de qualquer texto pode ser feita sob a perspectiva de diferentes teorias.

## **METODOLOGIA**

O trabalho com os gêneros textuais das Oficinas Pedagógicas depreende-se como pesquisa-ação, uma vez que envolve professores universitários, além de docentes da rede pública e acadêmicos que debatem sobre um problema atual nas escolas, ou seja, pouco envolvimento com o processo de leitura. Esses profissionais e acadêmicos formam um grupo colaborativo para amenizar tal problema. Em outras palavras, buscam uma solução: a compreensão leitora. A pesquisa-ação tem uma base empírica a qual é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e participantes, representativos da situação, estão envolvidos de modo cooperativo e/ou participativo (GIL, 1999).

Para isso, realizaram-se leituras e discussões que proporcionaram muitas reflexões, análises e ponderações a respeito do processo de leitura e o que seria imprescindível para criação de estratégias/dinâmicas de leitura, de acordo com as afinidades teóricas de cada integrante do grupo. Nos encontros, as sugestões eram expostas, discutidas e, se necessário, reelaboradas.

A partir do exposto acima, foram elaboradas sugestões de atividades de leitura, compreensão e interpretação com os gêneros textuais crônica, entrevista e charge, as quais serão apresentadas na seqüência. Tais atividades foram planejadas pelos professores do curso de Letras da Unifra e acadêmicos desse curso.

## **GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA: PRÁTICAS PARA O ENSINO DA LEITURA**

Nesta seção, serão apresentadas atividades práticas a partir dos gêneros textuais supracitados. A intenção principal é instigar o professor a realizar tarefas em que o aluno possa se expressar verbal e oralmente. Também possa ser o condutor de suas ideias e, principalmente, criar na sala de aula um espaço interativo de diálogo efetivo entre alunos e professor, deixando de lado a perspectiva de leitura apenas do professor ou do livro didático.

### **CRÔNICA**

A crônica abaixo é indicada para a o ensino de leitura tanto para alunos do ensino fundamental quanto para ensino médio:

#### **O essencial é invisível. O invisível é essencial**

“Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social”: psicólogo  
Fernando Braga da Costa aborda em livro experiência de dez anos  
varrendo ruas.

Durante muitos anos ele varreu as ruas da grande metrópole. Que remédio? Paupérrimo desde a infância – o pai nem sequer conhecera, a mãe pedia esmolas -, nunca pudera estudar e podia até se dar por satisfeito por, ao menos, ter aquele emprego. Na verdade o trabalho não o incomodava; até gostava de varrer as ruas, e tinha em seu humilde casebre uma coleção de objetos curiosos que reunira ao longo de todos aqueles anos.

O que o incomodava era a invisibilidade. As pessoas passavam por ele e pareciam não vê-lo. Mais de uma vez quase fora atropelado. Era como se não existisse. Mas, existindo ou não, continuava varrendo as ruas e recolhendo coisas curiosas.

Foi assim que encontrou aquilo que lhe pareceu uma velha lamparina. Era muito benfeita, e bonita, feita de algum metal raro. Estava um pouco suja, de modo que ele tratou de limpá-la com a manga. Mal o fez, um susto: uma explosão, uma nuvem de fumaça e uma figura gigantesca surgiu diante dele, um homem de turbante, torso nu e braços cruzados, que lhe disse, numa voz poderosa:

- Mande, mestre, estou às suas ordens.

Era, claro, o gênio da lâmpada. Acrescentou que ele tinha direito a um pedido - em outros casos eram três, mas de garis a cota era de um apenas. Sem vacilar, o gari disse:

- Quero que todos os garis desta cidade fiquem invisíveis por uma semana.

O gênio disse que o pedido seria atendido e sumiu na nuvem de fumaça.

De fato, os garis ficariam invisíveis. O que causou o maior rebuliço. Porque o que agora se via, nas ruas, eram vassouras, aparentemente autônomas, varrendo as calçadas; o que se via era o lixo pulando para dentro dos carrinhos. Logo ficou patente que os garis continuavam trabalhando, mas invisíveis. Por quê? Alguns falavam num vírus misterioso; outros viam naquilo uma conspiração para a tomada do poder. De qualquer modo surgiu a polêmica: deveriam os garis continuar invisíveis ou seria o caso de o poder público tomar alguma providência para restaurar a visibilidade deles? A sondagem de opinião que deveria fornecer elementos para decidir a questão não chegou a ser realizada; a semana chegou ao fim e os garis recuperaram sua aparência normal.

Durante alguns dias foram objeto de curiosidade e até de afeto. Muitas pessoas dirigiam-se a eles, perguntando como se haviam sentido durante a invisibilidade. Até uma homenagem lhes foi feita, num programa de tevê.

Depois, tudo voltou ao normal. O gari da lâmpada (que agora faz parte de sua coleção) continua varrendo as ruas, sem que ninguém se dê conta de sua existência. Já não tem esperança de encontrar o gênio. Aliás, sabe que não adiantaria muito.

SCLIAR. Moacyr. Folha de S. Paulo, 24 fev. 2004. Sinapse.

Sugestões de atividades:

- Leitura silenciosa e reflexiva;
- Aplicação de uma estratégia de leitura como motivação: os alunos responderão às questões: a) o que o autor do texto nos propõe; b) o que eu digo ao texto (minha interpretação); c) o que eu digo aos meus colegas sobre o texto.
- Reflexão sobre o tema abordado, a partir de uma mesa redonda, sobre a valorização do ser humano; especialmente aqueles que trabalham em empregos mais modestos e pouco valorizados.

- Solicitar um texto escrito com base em pesquisa, expondo a importância do trabalho de indivíduos que passam quase despercebidos no nosso dia a dia.

## ENTREVISTA

Sugestões de atividades:

- Uma primeira atividade para reconhecimento do gênero em questão pode ser realizada na própria sala de aula. Em dupla, um colega entrevistará o outro. O tema pode ser amizade, adolescência, entre outros.
- A partir de um determinado tema (escolhido pelos alunos ou sugerido pelo professor), preferencialmente atual, que seja familiar à realidade dos alunos, eles deverão formular um questionário, fazer as perguntas aos entrevistados e gravar as respostas.
- Por exemplo, a adolescência de hoje *versus* a adolescência do tempo dos avôs. Assim, os alunos poderão colher informações de pessoas idosas, adultas e adolescentes.
- Depois, em sala de aula, poderão fazer um debate, comparando as respostas recebidas, avaliando-as pela idade dos participantes, suas profissões e o local onde vivem.

Obs.: A partir de vários temas estudados na língua portuguesa e literatura brasileira é possível utilizar-se do gênero textual entrevista, desde que fiquem claros os objetivos desse gênero para os alunos. Podem-se entrevistar profissionais de diferentes áreas, como, por exemplo, médicos, com a finalidade de saber mais sobre determinadas doenças e prevenção, além de levar para sala de aula assuntos como infecções, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, temas que lhes podem interessar, devido à faixa etária em que estão.

## CHARGE

As atividades propostas têm como base a charge a seguir:



Fonte: Jornal impresso Diário de Santa Maria de 28 de setembro de 2009.

Observe o texto acima:

1. Na sua interpretação, como os proprietários da casa tratam os empregados?
2. Que linguagens estão presentes no texto?
3. Observe a expressão no tapete no chão. O que tal expressão pode suscitar?
4. Qual a relação entre linguagem verbal e linguagem visual (não verbal)?
5. Quais as intertextualidades presentes no texto?
6. Marque a alternativa que corresponde ao gênero textual em estudo:  
 história em quadrinhos  
 cartaz  
 charge  
 texto publicitário
7. Escreva V ou F para as alternativas abaixo:  
 A imagem sugere que ainda existem formas de escravidão, além daquela

vivenciada no período colonial.

( ) Os proprietários da casa desprezam a abolição dos escravos.

( ) A profissão de jardineiro é própria de descendentes afro-brasileiros.

( ) O personagem que está do lado de fora da porta representa uma etnia que foi vítima da escravidão.

8. Elabore um texto escrito sobre o tema da charge. Na sequência, os alunos deverão trocar os textos para realizarem a leitura do texto do colega e posteriores comentários orais a respeito das interpretações de todos.

## **RESULTADO E DISCUSSÕES**

Os encontros das Oficinas Pedagógicas proporcionaram momentos de reflexões e estudos a respeito do ensino de língua materna, mais especificamente, em relação ao processo de ensino e aprendizagem de leitura nas escolas.

Devido ao fato de que as Oficinas Pedagógicas se compõem de eventos como palestras e reuniões de discussões teóricas abertas à comunidade escolar em geral (e não apenas a acadêmicos), tivemos a oportunidade de conhecer a realidade do ensino escolar público e, a partir dessa troca de relatos, iniciamos a formação do grupo colaborativo do curso de Letras.

Além das leituras teórico-metodológicas realizadas, sobretudo a respeito do processo de leitura, foram propostas atividades de leitura, compreensão e produção textual para aulas de língua portuguesa. Parte desse material didático se encontra acima para que os professores da rede pública, que também participaram das oficinas, possam utilizar em suas aulas.

Pelas leituras, discussões e resultados, é possível afirmar que a leitura é um tema que deveria estar sempre presente não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas também em outras disciplinas, por isso deve ser abordada constantemente, para que se possa “construir” leitores ativos e críticos. Assim, precisa ser explorada e reinventada de modo eficiente para que contribua e faça a diferença na sociedade, transformando pequenos leitores em leitores críticos, com opinião própria diante de diferentes situações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se que os resultados obtidos apontam para a necessidade de uma constante (re)avaliação do processo de ensino e aprendizagem de leitura em língua materna, devido à importância de desenvolver, nos alunos, essa prática, que

é um dos pilares da educação de qualquer país. Acreditamos também que, com um ensino, que tenha como base atividades de leitura, compreensão e produção textual, tendo o texto como objeto de ensino, melhorará, ao longo dos anos, a comunicação escrita e oral dos alunos, preparando-os melhor para as atividades ao longo da vida, seja ela acadêmica ou profissional.

Não se está sugerindo que o ensino da gramática seja abolido ou eliminado, uma vez que é com ela que se produzem frases, orações e textos. Entretanto, há que se dar mais prioridade no desenvolvimento de um ensino voltado às práticas leitoras sociais, ou seja, os aprendizes necessitam ler para obter informações e ter subsídios, bem como argumentos para produzir, na escola, textos que deverão escrever ou falar, ao decorrer de toda vida, a fim de serem cidadãos atuantes na sociedade. Tais textos não são escritos com regras soltas. Eles devem fazer sentido; portanto, não é só com regras gramaticais que se aprende a língua portuguesa, mas com o ensino da coesão e da coerência entre essas regras, em forma de texto, seja oral ou escrito, seja em linguagem formal ou informal.

## REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: um gênero controlado. In: MACHADO, Anna Rachel; DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da et al. **Ensino de língua: do impresso ao virtual**. Campina Grande: EDUEP, 2006.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

SILVEIRA, J. R. C.; FELTES, H. R.M. **Pragmática e cognição**. A textualidade pela relevância. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artes Máficas, 1998.

ELIAS. Charge. **Jornal Diário de Santa Maria**, 28 de setembro de 2009.